

# Imaginar Londres nas decisões dos migrantes brasileiros de classe média: cosmopolitismo, multiculturalismo e o papel da imaginação geográfica

*Daniel Robins\**

## 1 INTRODUÇÃO

Os dados quantitativos (CARLING & JOLIVET, 2016; EVANS et al., 2015) sobre a população brasileira de Londres são intrigantes. Mostram que há muitos que não se socializam com outros Brasileiros, não se envolvem com cultura brasileira e / ou com atividades de lazer, e afirmam não ter migrado por razões econômicas. Em vez disso, eles são motivados por um ideal que é mais efêmero: uma “melhor qualidade de vida”. Os entrevistados dos Carling e Jolivet não priorizam “oportunidades de trabalho”; a maioria citou “aprender um idioma” e “vivenciar a cultura” como as motivações principais. Evans et al. (2015) encontraram um fenômeno semelhante. Um terço dos seus entrevistados mudou-se para Londres para “uma experiência de vida / cultural” e quase metade escolheu o Reino Unido para “conhecer / aventura / idioma / cultura / qualidade de vida” (2015, p. 18). As respostas deles parecem diferenciá-los dos outros grupos de migrantes no estudo de Carling e Jolivet (2016). Por exemplo, a maioria dos marroquinos que eles entrevistaram relataram um benefício financeiro por morar no Reino Unido, mas sentiram que a “qualidade de vida” deles havia se deteriorado (CARLING & JOLIVET, 2016, p. 34).

Este artigo expandirá o que os estudos quantitativos sugerem. Explorará as motivações e valores de muitos migrantes brasileiros em Londres. Argumenta que, para muitos brasileiros de classe média, a motivação para migrar é expressa em termos de “alienação social [societal alienation]” (DASHEFSKY & LAZERWITZ, 1983): um sentimento de distância do lugar de origem: é causada por uma falta de identificação e confiança nas

---

\* Latin American Centre, Oxford School of Global and Area Studies, University of Oxford  
daniel.robins@lac.ox.ac.uk

instituições e até mesmo na cultura do local de origem. Isso contrasta com o conceito de migração devido à “alienação material [material alienation]”. Este termo descreve as pessoas que migram para acessar um nível mais alto de consumo das mercadorias ou ganhar dinheiro para usar quando eles voltam ao Brasil. Para aqueles que migram devido à “alienação social”, eles reivindicam que têm uma interpretação menos material da “qualidade de vida” no destino da migração. Mais, essa interpretação se torna uma espécie de mercadoria por direito próprio. O argumento deste artigo é o seguinte: um marcador importante nas diferenças entre dois modos é as divisões das classes sociais, que às vezes se cruzam com as divisões regionais e raciais da sociedade brasileira.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: a segunda seção explica o quadro teórico. Ele, primeiro, fornece uma definição útil da ‘classe média’ e passa a explorar o papel da imaginação geográfica na migração voluntária, e os dois imaginários do Norte Global que informam as motivações e a experiência da migração entre os migrantes. A terceira seção explora a migração brasileira para Londres e o imaginário geográfico. Examina como o conceito do imaginário geográfico pode-nos ajudar a entender o desejo de emigrar e para onde emigrar. Foca-se nas motivações para emigrar do Brasil com uma compreensão de como Londres é imaginada e vivenciada. A última seção (quarta) examina como muitas pessoas das classes médias imaginam seu projeto de migração como sendo distinto da percepção da “comunidade” transnacional brasileira em Londres da qual elas querem distinguir-se. Argumenta-se que, muitas vezes, essas pessoas se posicionam como consumidores, em vez de produtores de multiculturalismo, em sua relação imaginada com Londres como uma cidade global e multicultural.

## 2 QUADRO TEÓRICO

### *2.1 Algumas definições das ‘classe-média’ e ‘cultura’<sup>1</sup>*

O termo “classe média” pode significar coisas diferentes em contextos diferentes (GIBSON-GRAHAM & RUCCIO, 2001). No Brasil em particular, como Centner observa, “[a] definição de ‘classe média’ é imprecisa e maleável” (2012, p. 260). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) usa múltiplos de salário-mínimo para categorizar a população em termos de classes sociais que variam de A ao E. Uma abordagem mais sutil é realizada pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP), que mede a posição de classe não em termos de renda, mas por meio dos níveis de consumo material e acesso à educação e outros serviços públicos (KAMAKURA & MAZZON, 2017). A classe “C” foi apelidada por pesquisadores como Neri (2011) como a “nova

classe média”. Frequentemente, são residentes do que algumas pessoas do Norte Global considerariam como favelas, mas que alcançaram um padrão de consumo e renda que os leva a serem definidos como de classe média. Outros estudiosos apontaram pontos fracos com a afirmação de Neri de uma “nova classe média.” Cardoso e Prêteceille (2017) propõem que, além da renda e do consumo, também é importante levar em conta a estrutura ocupacional e quando isso acontece, uma parte muito menor da classe C seria identificada como a classe média. No entanto, assim como as medidas objetivas da posição da classe, é importante incluir medidas subjetivas (RUBIN et al., 2014). Não deve ser ignorado que muitos membros da classe C se autodefinem como classe média (NERI, 2011; 2014). O que está claro é que o termo “classe média” pode ter uma conotação diferente no Brasil da que pode ter no Reino Unido e o fato de que os membros das classes B e C se autodefinem como “classe média”, apesar das diferenças entre eles, pode ser confuso para quem está de fora. Isso ocorre porque os membros da classe B normalmente estão usando os padrões de vida, qualidade da educação e posição na estrutura ocupacional da Europa ou da América do Norte como uma referência. Então, quando me refiro a “classe média brasileira”, quero dizer não apenas que eles se autodefinem como classe média, mas que vêm da classe B no sistema de classificação brasileiro e que a qualidade material do estilo de vida, padrões de consumo, níveis da educação e posição dentro da estrutura ocupacional no Brasil seriam reconhecidos como “classe média” pelos padrões do Norte Global. O termo “classe média baixa” talvez possa ser usado para descrever a classe C do Brasil que, apesar de se autodefinir como classe média também, e ter a capacidade de migrar para Londres, não ocupa uma posição dentro da estrutura ocupacional brasileira que atenderia à definição de classe média de Cardoso e Prêteceille (2017). É importante ressaltar que seu nível de renda pode não ser suficiente para ficar imune à experiência de “alienação material” provocada pelo ideal globalizado do que constitui o status de classe média, que está medido pelos padrões do Norte Global. Mais, essas divisões de classe frequentemente se cruzam com as divisões regionais e, muitas vezes, raciais também, no Brasil. Os brasileiros de classe média em Londres são geralmente dos estados do sul e sudeste e de ascendência em grande parte euro-brasileira. Muitas vezes se encontram trabalhando lado a lado, pelo menos no início de seus tempos em Londres, com brasileiros de classe média baixa dos estados mais pobres do Centro e do Nordeste (EVANS et al., 2015). Uma consequência é quando muitos enfatizam a distinção e a característica individualista de suas motivações e experiências da migração; eles também enfatizam divisões de classe, das regiões e, às vezes, das raças que formam a sociedade brasileira.

Thompson (2016) observa que os pesquisadores frequentemente consideram fatores culturais ao teorizar decisões de migração, mas isto é geralmente em termos da cultura do país original. Pode ser uma cultura de migração que existe no país de origem, ou a atração de migrar para um lugar que tem características culturais semelhantes, como língua ou religião, ao lugar de onde se vem (MASSEY et al., 1993). O que permanece subestimado é a possibilidade de a cultura de um destino de migração atuar como um fator “puxão” na tomada de decisão sobre a migração e na própria experiência da migração. Este artigo usa a imaginação geográfica para explorar as descobertas do meu trabalho empírico qualitativo com migrantes brasileiros, predominantemente da classe média, que moram em Londres.

O artigo examina como esses migrantes imaginam Londres e seu lugar dentro dela, antes e depois de chegarem. Havia muitos entrevistados que mantinham uma distância irônica da cultura brasileira transnacional, feita ‘por migrantes para migrantes’ (FRANGELLA, 2010), que existe em Londres. Uso a definição de Sewell (1999) na interpretação de ‘cultura’ como um sistema e uma prática. ‘Cultura’ é um conjunto das práticas que ocorrem no contexto de um sistema semiótico. O conceito da cultura transnacional como ‘fundamentado’ numa cultura de mercadorias materiais ajuda a tornar isso mais concreto (CRANG et al., 2003). Em vez de participantes ou de produtores de uma cultura brasileira transnacional “autêntica”, muitos migrantes brasileiros de classe média se posicionam como consumidores de mercadorias culturais transnacionais mais amplas. Eles se imaginam na perspectiva universalizada de quem tem a capacidade de praticar o consumo de mercadorias (multiculturais) na Londres imaginada como o lugar que oferece essa oportunidade.

Os Brasileiros de classe média, às vezes, podem ser mais ambivalentes em suas relações com a identidade nacional (CAPRONI, 2014). Marques de Souza observa:

A sintomática Brasileira... contém, na verdade, uma ausência de vínculo retesado, vínculo esse que acaba por vigorar muito mais no campo da ironia do que no do orgulho. Ser Brasileiro, ao que parece, é ‘não-ter país’. É atuar por sínteses que superam essas marcações, em prol de uma terceira coisa com um significado para além do que a ideia de “país” pode conter. (MARQUES DE SOUZA, 2013, p. 7)

Essa ambivalência em relação à identidade nacional pode explicar por que muitos brasileiros de classe média se distanciam do Brasil tanto retoricamente, quanto em suas práticas sociais após a migração. Outros

pesquisadores encontraram evidências de uma tendência nos discursos e nas práticas de muitos brasileiros em Londres de se distanciarem de uma identidade supranacional como ‘americanos-latinos’ (MCILWAINE, 2016, pp.174-175).

## 2.1 Migração ‘livre’ e a imaginação geográfica

A migração livre, “está associada a uma’ consciência espacial ‘muito peculiar e estreita [minha tradução]” (DELLA PERGOLA, 1984, p.297) e tem certos objetivos que “só podem ser seguidos em relação com um certo ‘lugar ideal’ (1984, p. 297). Griffiths e Maile também afirmam que os imaginários sociais, “são muitos específicos de um lugar” (2014, p.156). O conceito da imaginação geográfica pode-nos ajudar a entender por que alguns lugares são atraentes para os migrantes. Marcus (2009) descreve a imaginação geográfica como, “o conhecimento espacial - real ou abstrato - que permite aos indivíduos imaginar um lugar”. A imaginação geográfica pertence às percepções e experiências do lugar, e ao comportamento e às práticas que ocorrem nesses lugares. No entanto, pode ser também um meio para compreender como as pessoas imaginam e negociam suas identidades em relação a identidades nacionais e culturais mais amplas (GREGORY, 1994).

A imaginação geográfica não é apenas uma compreensão do espaço como a produção de significado anexado aos espaços particulares. É usada por indivíduos (e coletivos) para negociar seu próprio sentido de lugar e pertencimento dentro desses espaços imaginários também. Embora a imaginação geográfica possa descrever como as pessoas imaginam o desconhecido ou ‘exótico’ (SAID, 1977), também é útil entender como o conceito ‘familiar’ é imaginado, em termos de locais de origem e os aspectos do destino de migração que já são familiares aos migrantes. É importante salientar como os locais de origem e de destino estão imaginados em relação um ao outro. A cultura no destino da migração pode ser imaginada como “desconhecida” e o desejo de se mudar para lá pode ser lido como uma espécie de desejo cosmopolita pela ‘diferença’ (URRY, 2000), mas pode ser imaginado como “familiar” também por meio da exposição prévia a essa cultura por meio das “mediascapes” (APPADURAI, 1996). Então, referindo-se a Sewell (1999) e Crang et al. (2003), é possível familiarizar-se com mercadorias culturais “não familiares” ao sentir que não é possível “praticar” verdadeiramente o consumo dessas mercadorias culturais sem se deslocar para um lugar imaginário específico ou um contexto semiótico. Um outro conceito importante é a identidade do assentamento [settlement identity] (FELDMAN, 1996), que pode explicar como o aparentemente ‘desconhecido’ é frequentemente imaginado dentro do contexto familiar.

Da mesma forma que um desejo por um refrigerante desconhecido ainda existe dentro da familiaridade da categoria “refrigerantes”, também o desejo de experimentar uma cidade desconhecida pode ser imaginado dentro da familiaridade da categoria “ cidades”. Por fim, a imaginação geográfica enfatiza como as pessoas imaginam não apenas seus destinos de migração e como serão suas vidas uma vez lá, mas a teleologia de suas migrações também. Benson e O’Reilly escrevem que, “significados e imaginações ... têm o poder de moldar a realidade porque as pessoas agem consoante estes significados e imaginações, não apenas migrando, mas na maneira como vivem após a migração’ [minha tradução] (2016, p.11). Assim, a forma como os migrantes imaginam seus projetos de migração molda a realidade de suas experiências no destino.

## *2.2 Alienação material e social: imaginações modernistas e pós-modernistas do Ocidente*

Marx (1867) observou que o modernismo é caracterizado pela fetichização dos objetos materiais. As mercadorias podem transcender seus “valores de uso” e estar reificadas para assumir propriedades quase místicas (Žižek 1997). Se nós aplicarmos essa observação à teoria da migração, então, os migrantes são expostos, via mediascapes (APPADURAI, 1996) a um estilo de vida virado para o consumo que eles não conseguiriam alcançar em seus países de origem. O resultado é um tipo de ‘alienação material’, que leva a um desejo de migrar. Portes e DeWind (2004) explicam que, “as forças da globalização capitalista ... expõem e atraem as populações do Terceiro-Mundo aos benefícios do consumo moderno, enquanto lhes nega os meios para adquiri-los” [minha tradução] (p.831). Essa compreensão da migração internacional pode ser denominada ‘modernista’, porque a aquisição do capital e outras coisas materiais são a motivação principal para migrar. No entanto, isso não explica por que aqueles que já tem um nível de conforto material, que é comparável com o Norte Global, ainda podem sentir uma sensação de alienação nos países originais e querer emigrar.

Dashefsky e Lazerwitz (1983) referem-se a isso como “alienação social [societal alienation]”. Aqui, os migrantes não imaginam seu destino necessariamente em termos de benefícios materiais, mas sociais ou culturais. Isso ecoa a afirmação de Carling e Jolivet de que, ao contrário de outras nacionalidades que entrevistaram, muitos brasileiros “tendem a ficar mais satisfeitos com os impactos da migração na qualidade de vida do que com o benefício financeiro” [minha tradução] (2016, p.39). Para muitos brasileiros de classe média, o que torna Londres um destino de migração atraente, e o Brasil um lugar pouco atraente para permanecer, não é apenas a possibilidade de

consumir ou praticar os aspectos materiais que eles imaginam encontrarem na cultura londrina, mas também os aspectos imateriais que passam por si mesmos a tornar-se mercantilizados.

### 3 A MIGRAÇÃO BRASILEIRA E O IMAGINÁRIO GEOGRÁFICO

Uma compreensão “modernista” das motivações da migração ilumina como o Norte Global, que está imaginado em termos de material, ainda pode ser compatível com os valores e a cultura do país de origem. Hannerz escreve:

Para muitos migrantes econômicos, a emigração pode ter como origem uma renda mais alta; frequentemente, o envolvimento com outra cultura não é um benefício adicional, mas um custo necessário. Criam uma casa substituta com a ajuda dos compatriotas, em cujo círculo a pessoa se sente mais confortável. [minha tradução] (1990, p.248).

O trabalho de Dias (2009) sobre os migrantes brasileiros ‘semidocumentados’<sup>2</sup>, tipicamente de classe média baixa em Londres, fornece uma visão mais aprofundada. Ele relata que seus entrevistados viam os espaços públicos de Londres como estranhos e até hostis devido às barreiras linguísticas e culturais. Então, a prioridade deles é (re)criar uma rede de apoio transnacional dentro de Londres como uma espécie de defesa psíquica contra o desconhecido. Ele escreve que “é possível notar que o lazer, para o imigrante brasileiro, não está ligado, essencialmente, ao desfrutar da cultura inglesa ou da cultura universal que a cidade oferece” (p.10). Os aspectos culturais, geográficos e linguísticos menos familiares de Londres são imaginados como uma barreira na pesquisa de Dias. Em vez disso, eles passam o tempo de lazer com o que Frangella (2010) e Brightwell (2012) identificaram como uma “economia da saudade”: uma rede de restaurantes, cafés, bares e eventos sociais criados pelos imigrantes e para os imigrantes brasileiros. O objetivo deles é ganhar e economizar dinheiro e depois voltar para o Brasil. Um migrante falou: “Eu não me importo de dobrar quantas vezes precisar. Quanto mais eu trabalhar aqui, mais cedo eu volto para minha casa e para minha família (p.6).

Mas o que dizer daqueles que migram justamente pelo desejo de vivenciar uma cultura que imaginam ser diferente ou até mesmo ‘exótica’? Muitos dos meus entrevistados decidiram mudar-se para Londres, apesar de virem de origens relativamente ricas e muitos possuem carreiras bem estabelecidas. Ariana, cinquenta anos, de Salvador, morava em Londres havia dez anos no total, no momento em que foi entrevistada, descreveu a vida dela no Brasil assim:

No Brasil temos gente que trabalha para gente e é diferente ... Eu tinha minha casa, era uma casa grande, uma casa de quatro quartos com piscina, cachorros, ajudante, babá, carros na garagem.

Já Geraldo, trinta e sete anos, do interior de São Paulo, morava em Londres havia oito anos, no momento da entrevista, vinha, segundo ele mesmo, de ‘uma família mais pobre’, mas construiu uma carreira de jornalista antes de decidir emigrar:

Quando eu penso sobre isso minha vida foi geralmente boa. Eu vim de uma família pobre, mas então encontrei meu caminho e tive uma carreira, estava trabalhando como jornalista. Eu estava integrado na minha área e depois deixei isso para trás.

Conforme enfatizado na revisão da literatura, muitos Brasileiros que migram para Londres, apesar de sua formação, experimentam uma queda em termos de status social. Muitos encontram trabalho no setor de serviços em Londres. Ariana, em tom de brincadeira, comentou, “Aqui somos tratados como escravos e lá somos como príncipes e princesas, é muito engraçado.” Geraldo, morava em Londres havia oito anos, contou como passou de jornalista a garçom em decorrência da mudança para Londres: “É um tipo de rebaixamento a um nível onde você precisa de trabalhar como garçom, mas não me importava. Tudo fazia parte da novidade, no início”. Muitas vezes, a qualidade material de condições de vida deles é pior em comparação com o que estavam acostumados no Brasil.

Nádia, trinta anos, uma estudante paulista, morava em Londres havia dois anos quando foi entrevistada, explicou:

Acho que o modo de vida aqui é completamente diferente. Moradia no Brasil: o aluguel é bem mais barato em comparação ... Eu morei em um espaço bem maior também ... Tive de me adaptar para um espaço bem menor [em Londres].

Além disso, quando questionados sobre as motivações para migrar, os entrevistados frequentemente destacam fatores relacionados à alienação de sociedade em vez de alienação material. Uma frustração com a corrupção, a desigualdade e, às vezes, toda a própria cultura foram frequentemente mencionadas. Ricardo, trinta e quatro anos, era um designer gráfico de São Paulo, morava em Londres havia um ano. Quando eu perguntei sobre os

motivos para querer sair de São Paulo, o primeiro motivo foi “porque tem muita desigualdade” na cidade. Carla, de trinta e seis anos, uma mineira, morava em Londres havia um ano, expôs como a extrema desigualdade paulista a faz se sentir alienada da cidade. Isso, apesar de uma carreira de sucesso como chef de cozinha:

Eu tinha um salário muito bom lá. Eu odiava a desigualdade da gente que trabalhava comigo, o porteiro da cozinha, como ele vive ...? Eu sou uma covarde [por ir embora], mas eu não aguentava isso. Em São Paulo, eu vi gente na fila [para o ônibus]. Eu tinha dinheiro para pegar um táxi, mas eles não tinham, e acho que isso é a coisa mais dolorosa do Brasil. Se todo mundo é pobre, ok, todo mundo é pobre, o que você consegue fazer. Mas ... São Paulo tem a maior quantidade dos helicópteros, eles têm tráfego [dos helicópteros]!

Carla havia se mudado com Fernando, o marido dela, natural de São Paulo. Ela afirmou que lá se sentia um “peixe fora d’água” apesar de ter feito uma carreira de sucesso:

Eu nasci na cidade grande em São Paulo naquela correria e com o passar do tempo... eu não gostava mais de uma cidade grande... meu negócio era mais numa cidadezinha menor... [onde] o tempo passa mais devagar e você aproveita melhor a natureza...e São Paulo mudou muito... muitas coisas boas aconteceram, mas a maioria das coisas que mudou, mudou para pior... não me sentia bem, tipo, o que eu estou fazendo aqui?

Para voltar a Ricardo, ele citou também o estresse da vida cotidiana em São Paulo como uma das principais motivações para ir embora. Ele relatou isso principalmente em termos dos problemas de deslocamento dele e da esposa dele:

Pegávamos o metrô para o trabalho. Demorava muito porque morávamos na zona leste. Nossos empregos ficavam no centro da cidade e para chegar lá eram necessárias cinco linhas de metrô, então parecia que não havia fim.

Fernando e Ricardo imaginaram Londres como um lugar mais “devagar” e menos agitado para se viver. Isso pode ser entendido em referência ao conceito de Feldman (1996) de “identidade de assentamento [settlement

identity]”. As pessoas frequentemente se identificam com um tipo de assentamento e, assim, migram para lugares semelhantes para manter um senso de continuidade de identidade própria. O que uma pessoa imagina como diferente ocorre frequentemente no contexto do que já é familiar. No quadro do tipo de povoamento com o qual Fernando passou a se identificar (grandes cidades), Londres é imaginada como uma alternativa menos estressante a São Paulo. Então, Fernando imagina que o ritmo de vida será ‘diferente’, no contexto da familiaridade dos ritmos dos centros urbanos de grande porte.

Para outros entrevistados, sua insatisfação foi mais ampla. Veja o caso de Catarina, uma outra paulistana, que morava em Londres havia um ano quando foi entrevistada. Ela deixou uma carreira bem remunerada e confortável qualidade de vida *material* porque também se sentia insatisfeita. Seu sentimento de alienação se estendeu à própria cultura do país. Ela explicou:

Em São Paulo não tinha uma vida tão ruim, eu tinha uma casa, tinha um carro, mas era muito tempo para chegar ao meu trabalho, e uma hora e meia em trânsito todos os dias, não tinha tempo para fazer nada eu chegava na casa exausta, final de semana não saíamos, não fazíamos nada... e um país tem esse jeitinho brasileiro que muitos brasileiros têm ... Nós estamos com casos de corrupção. ... não gostava de nada, nunca gostei de nada... nem a comida ... a música nunca gostei muito também.

**Entrevistador:** Não gosta de música brasileira? Tudo o que você tem escutado na sua vida...?

**Catarina:** As músicas daqui, as bandas daqui, são bandas dos Estados Unidos. Talvez por isso eu tinha sempre essa vontade de ver as coisas aqui [em Londres].

Adriano, cinquenta anos de idade, de Porto Alegre, morava em Londres havia trinta anos quando foi entrevistado, também revelou como o caminho que ele imaginou para o Reino Unido, antes de chegar, foi fortemente influenciado pela exposição à música britânica e a associação com um fator ‘legal’:

**Adriano:** Eu tinha na cabeça que queria vir para cá de alguma forma. Não sabia muito sobre aqui, mas queria vir.

**Entrevistador:** Você sabe por quê?

**Adriano:** Você pode rir, mas, bem ... [primeiro] de tudo, eu gostei muito da música. Todas as bandas de que gostava naquela época vieram daqui. De alguma forma, parecia tão exótico

Laura, que tem trinta anos, de São Paulo, morava em Londres havia quatro anos, descreveu como o imaginário geográfico dela do 'Ocidente' também foi influenciado pelas 'médiascapes' que encontrou antes de emigrar:

Eu acho que quando era uma criança eu era tipo, vou ser honesta, todo mundo é lindo [nos Estados Unidos e no Reino Unido], tudo parece legal. Acho que agora com a internet não estamos tão atrasados, mas na época estávamos muito atrasados na moda e na música. Tantos festivais aqui, tanta coisa acontecendo, quando no Brasil tudo estava três anos atrasado. Então, para mim, sempre fui um pouco assim ... Então quando vim [para Londres] eu estava tipo, 'meu Deus, aqui eu tenho acesso a tudo... Então, eu acho que foi a primeira coisa que me fascinou ... Como eu disse sobre a música e quando você é jovem e todo mundo [aqui] se veste como se estivesse em uma banda. Quando estava no Brasil todos se vestiam horrivelmente.

Isso reflete o trabalho de Thompson (2016) e Fujita (2004) que escrevem sobre emigrantes filipinos e japoneses, respectivamente. Ambos descobriram que o desejo dos emigrantes de se mudar para lugares era influenciado pelo imaginário geográfico que eles formaram desses lugares com base na exposição e identificação com as exportações culturais desses lugares. A pesquisa de Thompson (2016) sobre a emigração filipina mostrou que aqueles que se identificavam mais com "anime, K-pop e jogos de computadores [minha tradução]" (formas populares da cultura asiática) geralmente aspiravam a migrar para destinos na 'Ásia' enquanto os filipinos "que se engajavam principalmente com os Estados Unidos e a cultura pop britânica ... aspiravam a se mudar para 'o Ocidente' " (p. 4). Todos esses exemplos demonstram a importância de considerar como os migrantes imaginam e, portanto, podem se identificar com os aspectos culturais, bem como sociais e econômicos, dos destinos preferidos de migração.

## 4 COSMOPOLITISMO E CLASSE: CONSUMIDORES E PRODUTORES

Horst et al. (2016) observaram que os brasileiros de classe média muitas vezes imaginam a migração em termos individualistas como “aqueles outros brasileiros” que não interagem com a sociedade ‘anfitriã. Martins Jr. descobriu também que:

Brasileiros de classe média... reproduzem diferenças de classe ... constroem e distanciam a ‘experiência cosmopolita’... da ‘comunidade’, bem como dos ‘migrantes (econômicos) brasileiros’ [minha tradução] (HORST et al., 2017, p.176)

Esse distanciamento dos migrantes “econômicos” frequentemente aparecia nos discursos dos meus entrevistados. Mais, o discurso se cruza com as imaginações geográficas dos entrevistados de Londres como uma ‘cidade global’, um centro de cosmopolitismo. Suas identidades e sentidos de lugar na cidade são informados por essa imaginação de Londres. Muitas vezes, essa imaginação foi usada para criar uma narrativa individualista como Bruno, um paulista, que morou em Londres por dez anos, demonstrou:

A maioria das pessoas vem aqui para ganhar dinheiro.... Então, eles vêm aqui por causa disso, mas eu acho que eles têm saudades da vida do Brasil, então eles tentam encontrar essa vida aqui ... *Eu prefiro fazer as coisas de maneira diferente .*

‘Fazer as coisas de maneira diferente’ frequentemente envolve o posicionamento de Londres como uma ‘cidade global’ e o entrevistado como um consumidor do cosmopolitismo multicultural, em vez de um produtor ‘autêntico’. Essa é uma distinção que Frangella (2010) escreveu sobre duas formas paralelas de práticas e mercadorias culturais brasileiras transnacionais em Londres. A primeira se caracteriza como uma economia da saudade, produzida por e para os migrantes brasileiros. A segunda forma é muito comercial destinada a consumidores cosmopolitas de cultura que tipicamente não são brasileiros. Embora Frangella argumente que essas duas formas frequentemente se cruzam como no caso da Escola de Samba Paraíso e o seu papel no Carnaval de Notting Hill, a distinção entre as duas formas é útil aqui para demonstrar a qual categoria muitos de meus entrevistados se alinharam. Assim, Vlad, que morava em Londres havia onze anos, demonstra nesta resposta:

Estou aqui porque eu sempre quero aprender alguma coisa diferente. Se eu falo português e vou para um show brasileiro, não vou aprender nada. Eu trocaria isso por um show japonês. Tenho muito mais a aprender com isso do que tudo que já sei sobre meu país.

Isolda, vinte sete anos, uma recepcionista paranaense, morava em Londres havia dois anos, foi outra entrevistada que descreveu sua apreciação por Londres não apenas em termos da capacidade de expressar uma identidade individualista, mas em termos do status como consumidora de mercadorias culturais “exóticas” em Londres também:

Sim, apenas do estilo de vida, tipo “Oh, ok. Eu acordo agora e posso ir trabalhar e vestir o que eu quiser”, é incrível ... e tipo, oh, ok, eu quero comer japonês, quero comer comida chinesa, quero ir a qualquer lugar comer o que eu quiser ‘

Isso também se estendeu às redes sociais que meus entrevistados escolheram. Ser amigos das pessoas de outros países enquadra-os como ‘modernos’ e ‘internacionais’. Isso sugere implicitamente que ser amigo apenas dos brasileiros seria ‘atrasado’ e ‘paroquial’. Aqui Alcindo, trinta e sete anos, químico mato-grossense, morava em Londres havia dez anos, capta esse sentimento quando descreve o que gostava quando morava em Londres:

Acho que é a mentalidade e a cultura. Aqui você tem amigos internacionais modernos e, portanto, o mundo, você tem tudo como uma possibilidade. [No Brasil] as pessoas são mais conservadoras. Você não conhece pessoas de outros países e as pessoas vão ter a mesma mentalidade em todos os lugares... As pessoas são de diferentes cantos do mundo, então você aprende mais. Você consegue interagir mais.

Portanto, havia muitos entrevistados que eram ambivalentes em relação aos lugares e práticas culturais brasileiras transnacionais em Londres. Em vez disso eles preferiram pensar em si mesmos como “conformados” à cultura predominante. Mas qual é a cultura predominante em Londres? Tradicionalmente, ‘mesclar-se’ tem sido pensado em termos de assimilação à cultura majoritária ‘anfitriã’. Podemos constatar isso na seguinte citação de Joaquim Nabuco, um diplomata brasileiro que morava em Londres e

se apaixonou pela cidade. Seu desejo de ‘misturar-se’ e, assim, tornar-se anônimo fica evidente quando ele escreve no diário dele: ‘Troquei minha corrente do relógio por uma outra, e assim fiquei privado do último sinal externo de que eu fui um estrangeiro (NABUCO, 1950 [1900], p.253). No entanto, pode-se argumentar que Londres agora alcançou o status de uma cidade da “superdiversidade” (VERTOVEC, 2007) a ponto de se falar de uma maioria ‘nativa’ ‘anfitriã’. Assim, para muitos dos meus entrevistados, ‘mesclar-se’ não significava se encaixar na cultura ‘inglesa’. Em vez disso, eles imaginaram suas experiências em termos mais cosmopolitas. Londres era vista como encarnando no espaço, um ideal multicultural e cosmopolita. A cultura que muitos entrevistados desejavam vivenciar não era a cultura brasileira transnacional, na verdade não era específica de nenhum país ou nacionalidade, mas, mais precisamente, específica de uma Londres imaginada como uma cidade global. Nesse paradigma multicultural muitos deles articulam um sentimento de pertença. Tissi, trinta e seis anos, de São Paulo, morava em Londres havia oito anos, explicou:

**Tissi:** Tem sempre um lugar para você aqui e eu aprecio isso. Também aprendi muito sobre a própria cultura ...

**Entrevistador:** A cultura do quê? Que cultura você quer dizer? A cultura de Londres? O que é?

**Tissi:** A cultura de Londres. Então, qual seria a cultura de Londres? Sim, eu me concentraria mais na cultura de Londres do que no próprio Reino Unido porque não sou muito viajada no Reino Unido para ser honesta. Eu não explorei muito... mas todos nós sabemos que existe uma cultura específica em Londres, especialmente por causa desse ponto multicultural que temos aqui, então talvez essa seja a resposta. O que mais gosto em Londres é essa coisa multicultural.

Esse sentimento de pertencimento a Londres devido ao status do centro superdiversificado foi ecoado por Celso, de quarenta anos, de Minas Gerais, que morava em Londres havia doze anos:

Quando você vê todas essas coisas, o terrorismo, as coisas ruins que acontecem. Você vê pessoas mostrar que não vão desistir. Você vê esse senso de unidade. Apesar de irmos de países diferentes, queremos apenas viver nossas vidas em paz, não devemos dividir e piorar as coisas. Isso é alguma coisa que me deixa orgulhoso de

morar aqui. Uma das coisas principais é a diversidade... você tem muçulmanos, cristãos, judeus, todos os tipos de religiões e visões políticas em Londres, é incrível. Uma cidade muito boa. Uma vez fui ao museu de Londres e lá, vi que a Inglaterra tinha 3.000.000 de habitantes quando os portugueses foram para o Brasil há 500 anos. Naquela época, creio que poderíamos encontrar nacionalidades diferentes aqui.

Celsio criava um filho na cidade. Ele sentiu que o status do seu filho como criança de imigrantes que viviam em uma cidade multicultural seria benéfico para o desenvolvimento da criança. Ele falou sobre as pessoas na mesma situação do seu filho:

Eles nasceram aqui, mas se sentem parte do mundo. Quando você tem um dos pais de um país diferente você tem menos chance de se tornar xenofóbico.

Entrevistados que já visitaram outras partes do Reino Unido muitas vezes fizeram uma distinção entre Londres e o país “real”. Aqui, Bernardo, trinta e oito anos, do Rio de Janeiro, morava em Londres havia quatro anos, descreveu sua impressão das cidades do norte que ele visitou na Inglaterra:

**Bernardo:** Notei mais diferenças em Liverpool, em Manchester, em Leeds... As pessoas eram diferentes, mais calmas, mais inglesas. Não é como aqui com essa coisa multicultural. É mais propriamente inglês. Você pode ver como eles falam; os sotaques deles são diferentes

Na época, o sentimento de pertencer a Londres tornava-se mais evidente ao deixar a cidade. Leônidas, que havia se mudado recentemente para a Suíça, depois de muitos anos em Londres, revelou que sentiu menos saudades do Brasil em Londres, do que atualmente na Suíça por causa do multiculturalismo da cidade:

Londres é um mundo diferente. Londres não é mais uma cidade inglesa, certo? Não é uma cidade de ingleses. Então, como você encontra gente na mesma situação de você, é como se estivessem se reunindo, pássaros da mesma plumagem voam juntos. Conheci pessoas na mesma situação, então comecei a desenvolver um relacionamento com eles e passei a considerá-las minha própria família.

Lara, morava em Londres havia cinco anos, relembrou sua experiência de sair de Londres pela primeira vez para visitar “a Inglaterra real”; uma experiência que reforçou o sentimento de pertencer à cidade:

Percebi que não tinha muitas caras não-brancas por perto. E isso é muito estranho se você mora em Londres ... Então, eu acho que pela primeira vez eu realmente me senti fora ... Eu me senti na Inglaterra. Eu estava numa cidade internacional. Porque aqui não me sinto diferente dos outros, mas ali, pela primeira vez, realmente me senti. Foi como, ok, estou fora do meu elemento aqui. Eu sou a estrangeira.

Se compararmos as experiências da Lara no Brasil a partir de sua aparência, sua resposta aqui se torna mais interessante. Lara era pálida com cabelo ruivo. Ela cresceu no Rio de Janeiro e se sentiu como uma estrangeira por causa de sua aparência:

No Brasil, chamo muita atenção pelas minhas características físicas ... tive a sensação de que era meio ‘perseguida’ na rua porque as pessoas estavam apontando para o meu cabelo ... As pessoas me olhavam como uma turista.

Para Lara, então, Londres (e especificamente Londres, em vez da Inglaterra) representava um lugar onde, devido à diversidade das pessoas que moram lá, não se destacaria e, portanto, não se sentiria alienada da sociedade em que vivia. Portanto, não é tão simples quanto Lara se sentir mais confortável em lugares com muitos ‘caras brancas’, apesar de ser branca. Em vez disso, foi a superdiversidade de Londres que a fez sentir que, como uma estrangeira branca, ela poderia se sentir em casa em uma cidade global. Como disse um dos entrevistados do projeto THEMIS (CARLING & JOLIVET 2016), ‘ Consigo morar em Londres, mas não consigo morar na Inglaterra’ (Entrevista com Alvaro, Londres, 2011). Em outras palavras, muitos não imaginam Londres como uma oportunidade de mergulhar na cultura inglesa, mas, sim, de vivenciar o que entendem como cultura de Londres, que eles unanimemente definem como multicultural. No entanto, eles não consideram formar uma manifestação “autêntica” de uma cultura transnacional brasileira em Londres. Em vez disso, muitas vezes se veem da perspectiva universalizada de alguém que tem a capacidade de apreciar o multiculturalismo como consumidores, em vez de seus produtores “autênticos”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo usou os resultados quantitativos que Evans et al. (2015) e Carling e Jolivet (2016) descreveram. Explorou as motivações para a migração entre os brasileiros de classe média que moram em Londres. O artigo justapôs dois modos de alienação: material e social. A alienação material foi entendida como decorrente de um desejo de níveis mais elevados de consumo e acumulação financeira. Este modo de alienação pode atuar como motivação para migrar sem uma identificação com as práticas culturais no destino da migração. A alienação social depende da ideia de que a cultura no destino da migração pode atuar como um empate em si e é frequentemente contrastada com a cultura no país original.

Esses dois modos de imaginar destinos de migração frequentemente se cruzam com diferenças de classe social que, por sua vez, podem estar relacionadas a divisões raciais e regionais. Aqueles que já têm suas necessidades materiais ou desejos satisfeitos dificilmente migrarão devido à ‘alienação material’. Em vez disso, eles são mais propensos a enquadrar seu desejo de migrar em termos de ‘alienação social’. Ao longo do texto referi-me ao conceito de imaginação geográfica para argumentar que, para muitos migrantes de classe média, então, parece que ‘qualidade de vida’ e ‘experiências culturais’ são os principais impulsos declarados para a migração sobre a acumulação financeira. O texto finalizou com base em dados de entrevistas qualitativas com brasileiros de classe média. Para muitos, ‘qualidade de vida’ era expressa em termos de imaginar Londres como um lugar com mais igualdade, um ritmo de vida menos agitado e mais íntimo do que São Paulo, por exemplo, e como um lugar para consumir mercadorias culturais, e participar de práticas culturais, que não são originárias do Brasil. Esses fatores de ‘atração’ são atraentes, independentemente de qualquer queda potencial no status financeiro ou social que possa surgir devido à migração. Em última análise, embora as motivações culturais para migrar tenham sido reconhecidas há muito tempo, o texto demonstrou que a relação imaginária de um migrante com a cultura existente no destino da migração é um fator importante a ser considerado.

Por fim, o artigo mostrou que Londres, imaginada como uma cidade global, pode ter diferentes conotações e produzir experiências diferentes. O artigo voltou à dicotomia nos discursos dos entrevistados entre migração por estilo de vida e a migração econômica para mostrar a maneira como essa dicotomia é empregada para os migrantes de classe média. Em última análise, o artigo mostra que devemos problematizar o conceito de “comunidades” transnacionais definida pela nacionalidade e, em vez disso, olhar para a classe e o status social como marcadores de diferença. O artigo levantou questões

sobre como os migrantes sentiam que estavam se integrando ao expressar um sentimento de pertencer a Londres. Por comparar as experiências de viver e visitar outros países e locais no Reino Unido, o artigo mostrou que Londres é imaginada como um espaço cultural e social cosmopolita distinto e que, mais uma vez, a imaginação e a experiência de Londres desta forma estão ligadas intimamente com a percepção do status social como consumidores de multiculturalismo ao invés de produtores “autênticos”.

Em conclusão, Londres é uma destinação de migração especial porque, de muitos modos, está ficando mais sem sentido falar de uma ‘sociedade anfitriã’. Portanto, muitas vezes os entrevistados imaginaram sua experiência de migração em Londres em termos de uma participação em um multiculturalismo cosmopolita. Muitos desejavam ter amigos não brasileiros e, assim, “assimilar” o meio social cultural de Londres, mas o que eles estavam “assimilando” era descrito como multicultural: muitas vezes, esses amigos não brasileiros nasceriam fora do Reino Unido. Então, Londres, como um centro global percebido desse paradigma cosmopolita, é um lugar onde, para alguns, é possível imaginar a origem e a identidade nacionais subsumidas pela categoria do indivíduo. Na verdade, esse tipo de enquadramento ‘cosmopolita’ imaginário de Londres tem muitos aspectos semelhantes a como Marques de Souza (2013) enquadra a dimensão utópica do Brasil. Marques de Souza argumenta que a identidade nacional do Brasil é cosmopolita e vê esse fenômeno em termos utópicos. Ele escreve:

A única utopia possível é viver na referência do Estrangeiro Absoluto... que o sentimento estrangeiro se situa entre a “verdade” (que podemos associar à “pátria”) e o “rock inglês” (o “gringo”) – acrescentemos, provando dos dois, sem aderência definitiva, nem a um, nem ao outro (MARQUES DE SOUZA, 2013, p.8).

De muitas maneiras, podemos argumentar que cidades globais como Londres estão rapidamente ficando como o ‘Estrangeiro Absoluto’ sobre o qual escreve Marques de Souza. Este desacoplamento de uma raiz nacional específica leva a uma flexibilidade única para aqueles que acreditam nisso: uma capacidade de se adaptar a todas as culturas, mas ao mesmo tempo ainda preservam algo de si mesmos; ou, nos termos de Marques de Souza, a capacidade de viver “em alguma parte alguma” em vez de “em parte alguma”. Vimos, quando confrontados com a ‘outra’ superdiversão do meio social e cultural de Londres, que os entrevistados de Dias (2009) responderam reforçando sua identidade transnacional brasileira, o que agia como um tipo

de defesa psicológica. Por outro lado, este artigo demonstrou que existem migrantes que, em vez de ver uma cidade superdivergente como Londres como um obstáculo para cumprir seus objetivos de migração, tratam esses aspectos de Londres como motivadores para migrar por direito próprio. Os migrantes, em vez de se retirarem para uma identidade transnacional, abraçam uma identidade mais cosmopolita. Embora muitos pesquisadores tenham demonstrado que as práticas sociais transnacionais, sem dúvida, desempenham um papel importante na vida de muitos migrantes brasileiros (SHERINGHAM 2013; SHERINGHAM 2011; BRIGHTWELL 2010; BRIGHTWELL 2012; FRANGELLA 2010; DIAS 2009), as conclusões de Evans et al. (2015), bem como o meu próprio trabalho aqui apresentado, demonstram que existem muitas pessoas para os quais é necessário um enquadramento mais individualista das suas experiências de migração.

## NOTAS

<sup>1</sup> Para uma exploração mais completa do problema da classe social no contexto do tópico deste artigo, consulte Autor 2022 e Autor 2020.

<sup>2</sup> Tipicamente, eles têm vistos de turista e vistos de estudante, mas eles trabalham em tempo integral.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **Modernity at large**: Cultural dimensions of globalisation. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1996.

BENSON, M., & O'REILLY, K. . From lifestyle migration to lifestyle in migration: Categories, concepts and ways of thinking. **Migration Studies**, 4, 20–37, 2015.

BRIGHTWELL, M. das G.. On the move and in the making: Brazilian culinary cultures in London. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**, 37, 51–81, 2012. <https://doi.org/10.1080/08263663.2012.11006003>

CAPRONI, L. O Complexo de Vira-latas. São Paulo, Brasil: **Cabreira Filmes & Sem Cortes Filmes**, 2014.

CARDOSO, A., & PRÉTECEILLE, E. Classes médias no Brasil: do que se trata? Qual seu tamanho? Como vem mudando? **Dados**, 60, 977– 1023, 2017. <https://doi.org/10.1590/001152582017140>

- CARLING, J., & JOLIVET, D. Exploring 12 migration corridors: Rationale, methodology and overview. In BAKEWELL, O.; ENGBERSEN, G.; FONSECA, M. (Eds.). **Beyond networks: Feedback in international migration** (pp. 18–46). London, UK: Palgrave Macmillan, 2016.
- CENTNER, R. Distinguishing the right kind of city: Contentious urban middle classes in Argentina, Brazil, and Turkey. In: SAMARA, T.; HE, S.; CHEN, G. (Eds.). **Locating right to the city in the global south** (pp. 260–276). London, UK: Routledge, 2012.
- CICALO, A. **Urban encounters affirmative action and black identities in Brazil**. New York, NY: Palgrave Macmillan US, 2012.
- CRANG, P. ; DWYER, C., & JACKSON, P. Transnationalism and the spaces of commodity culture. **Progress in Human Geography**, 4, 438–456, 2003. <https://doi.org/10.1191/0309132503ph443oa>
- DASHEFSKY, A.; & LAZERWITZ, B. The role of religious identification in North American migration to Israel. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 22, 263–275, 1983. <https://doi.org/10.2307/1385970>
- DELLA PERGOLA, S. On the differential frequency of western migration to Israel. **Studies in Contemporary Jewry**, 1, 292–315, 1984.
- DIAS, G. T. O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: A importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade. **Ponto Urbe**, [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado em 01 maio, 2019. URL : <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1427>>. DOI : 10.4000/pontourbe.1427>.
- EVANS, Y. ; DIAS, G. ; JUNIOR, M. ; SOUZA, A., & TONHATI, T. **Diversidade de oportunidades: brasileiras no Reino Unido, 2013–2014**. London, UK: Queen Mary University, 2015.
- FELDMAN, R. M. . Constancy and change in attachments to types of settlements. **Environment and Behavior**, 28, 419–445, 1996. <https://doi.org/10.1177/0013916596284001>
- FRANGELLA, S. O made in Brasil em Londres: migração e os bens culturais. **Travessia - Revista do migrante**, 66, 33–44, 2010.
- GIBSON-GRAHAM, J. ; & RUCCIO, D. After development: Re-imagining economy and class. In: GIBSON-GRAHAM, J.; RESNICK, S. & WOLFF, R. (Eds.). **Re/presenting class: Essays in postmodern Marxism** (pp. 158–181). Durham, NC: Duke University Press, 2001.

- GREGORY, D. **Geographical imaginations**. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.
- GRIFFITHS, D. ; & MAILE, S. Britons in Berlin: Imagined cityscapes, affective encounters and the cultivation of the self. In: BENSON, M & OSBALDISTON, N. (Eds.). **Understanding lifestyle migration: Theoretical approaches to migration and the quest for a better way of life** (pp. 211– 234). Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2014.
- HANNERZ, U. Cosmopolitans and locals in world culture. **Theory, Culture & Society**, 7, 237–251, 1990. <https://doi.org/10.1177/026327690007002014>
- HORST, C. ; PEREIRA, S. ; & SHERINGHAM, O. . The impact of class on feedback mechanisms: Brazilian migration to Norway, Portugal and the United Kingdom. In: BAKEWELL, O.; HORST, C.; GODFRIED, G. & FONSECA, M. (Eds.). **Beyond networks: Feedback in international migration** (pp. 90–112). London, UK: Palgrave Macmillan, 2016.
- KAMAKURA, W. ; & MAZZON, J. **Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil**. Sao Paulo, Brazil: Blucher, 2017.
- MARCUS, A. Brazilian immigration to the United States and the geographical imagination. **Geographical Review**, 99, 481–498, 2009.
- MARQUES DE SOUZA, M. O complexo de vira-lata e o vira-lata complexo. **TRANZ - Revista de estudos transitivos do contemporâneo**, (pp.1-5). Edição 8 - dezembro, 2013 - ISSN 1809-8312. Retrieved from: <[http://www.tranz.org.br/8\\_edicao/TranZ13-Marcelo-Formatado.pdf](http://www.tranz.org.br/8_edicao/TranZ13-Marcelo-Formatado.pdf)>. Accessed 31 October 2018
- MARTINS JUNIOR, A. **The production and negotiation of difference in a world on the move: Brazilian migration to London**. Londres: Goldsmiths College, University of London, 2017. Thesis submitted for the degree of Ph.D. Retrieved from: <[http://research.gold.ac.uk/20120/1/SOC\\_thesis\\_MartinsJuniorA\\_2017.pdf](http://research.gold.ac.uk/20120/1/SOC_thesis_MartinsJuniorA_2017.pdf)>. Accessed 31 October 2018
- MARX, K. **Capital: A critique of political economy**, Vol. 1: The process of production of capital. marxists.org. 1867. Retrieved from: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Capital-Volume-I.pdf>>. Accessed 31 October 2018
- MASSEY, D. S. ; ARANGO, J. ; HUGO, G. ; KOUAOUCI, A. ; PELLEGRINO, A. & TAYLOR, J. E. Theories of international migration: A review and appraisal. **Population Council**, 19, 431–466, 1993.

- MCILWAINE, C. Latin London: Negotiating invisibility among Latin Americans in London. In: KERSHEN, A. (Ed.). **London the promised land revisited the changing face of the London migrant landscape in the early 21st century** (pp. 167–187). London, UK: Routledge, 2016.
- NERI, M. C. **A nova classe média**: o lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo, Brasil: Saraiva, 2011.
- NERI, M. C. **Brazil's middle classes**. Rio de Janeiro: FGV,EPGE, 2014 60p. - (Ensaio Econômico; 759). Retrieved from: <<http://hdl.handle.net/10438/12988>>. Accessed 31 October 2018
- PORTES, A., & DEWIND, J. A cross-atlantic dialogue: The progress of research and theory in the study of international migration. **International Migration Review**, 38, 828–851, 2004.
- ROBINS, D. A Migração do Sul Global para o Norte Global por estilo de vida: Individualismo, a classe social e a liberdade em uma cidade de 'superdiversidade'. **Travessia: Revista do Migrante**, 93, 2022 .
- ROBINS, D. Ideological Migration: Lifestyle, belonging and the geographical imagination between London and São Paulo. PhD Thesis, School of Geography and Sustainable Development, **University of St Andrews**, 2020.
- RUBIN, M. ; DENSON, N. ; KILPATRICK, S. ; MATTHEWS, K. ; STEHLIK, T. & ZYNGIER, D. "I am working-class": Subjective self-definition as a missing measure of social class and socioeconomic status in higher education research. **Educational Researcher**, 43, 196–200, 2014. <https://doi.org/10.3102/0013189X14528373>
- SAID, E. **Orientalism**. London, UK: Penguin, 1977.
- SEWELL, W. The concept(s) of culture. In: BONNELL, V, & HUNT, L. (Eds.). **Beyond the cultural turn**: New directions in the study of society and culture (pp. 35–61). Oakland, CA: University of California Press, 1999.
- THOMPSON, M. Migration decision-making: A geographical imaginations approach. **Area**, 49, 77–84, 2016. <https://doi.org/10.1111/area.12292>
- WANG, W. Can ideology-shift be a determinant of international migration? A case study of professional migration from China to the USA. **International Review of Modern Sociology**, 28, 37–58, 1998.
- ŽIŽEK, S., The supposed subjects of ideology. **Critical Quarterly**, 39(2), pp.39–59, 1997.

## RESUMO

Este artigo usa uma abordagem qualitativa e biográfica para explorar as motivações e subjetividades por trás da migração de brasileiros de classe média para Londres. Usa o conceito da imaginação geográfica para entender como os migrantes imaginam não apenas seus destinos e locais de origem, mas, também, como suas próprias identidades são moldadas por suas relações imaginadas com esses locais. O artigo argumenta que, para muitos brasileiros de classe média, suas motivações para migrar são expressas em termos de “alienação social”: um sentimento de distância do local de origem resultante da falta de identificação e confiança nas instituições e até mesmo na cultura do Brasil. Isso contrasta com o conceito de migração devido à “alienação material [material alienation]”. Este termo descreve as pessoas que migram para acessar um nível mais alto de consumo das mercadorias ou ganhar dinheiro para usar quando eles voltam para o Brasil. Para aqueles que migram devido à “alienação social”, eles reivindicam que têm uma interpretação menos material da “qualidade de vida” no destino da migração. Mais, essa interpretação se torna uma espécie de mercadoria por direito próprio. Um marcador importante nas diferenças entre dois modos é as divisões das classes sociais que, às vezes, se cruzam com as divisões regionais e raciais.

**Palavras-chave:** Classe; Imaginação geográfica, Desigualdade, Londres, Migração, Multiculturalismo.

## ABSTRACT

This article employs a qualitative, biographical approach, to explore the motivations and subjectivities behind migration of middle-class Brazilians to London. It uses the concept of the geographical imagination to understand how migrants imagine not only their destinations and places of origin but also how their own identity is shaped by their imagined relationship to these places. The paper argues that for many middle-class Brazilians, their motivation to migrate is couched in terms of “societal alienation”: a feeling of distance from the place of origin resulting from a lack of identification and trust in its institutions and the very culture of the place itself. This is in contrast to the more popularly understood concept of migrating due to “material alienation”: migrating to access a higher level of material consumption or to acquire financial capital to use “back home.” For those who migrate due to “societal alienation” what is “fetishised” is the cultural and less material aspects of the ‘quality of life’ of the migration destination, which become a kind of commodity in their own right. It argues that social class which often intersects with regional and racial divisions within Brazilian society, is a key marker of difference in these two types of imaginaries.

**Keywords:** Class; Geographical imagination; Inequality, London, Migration; Multiculturalism.

